

X Seminário de Pesquisa e Extensão FESPSP - “Educação Superior e Sociedade para um mundo em reconstrução”

De 16 à 19 de novembro de 2021

Eixo 3: Marcadores sociais da diferença e da desigualdade

Estratificação social na escola: Como o capital cultural e o capital econômico afetam o desempenho dos estudantes nas aulas de sociologia

Lucas Henrique Pardini de Carvalho¹

Resumo

O presente artigo se propõe fazer uma análise de como o capital cultural e o capital econômico influenciaram o desempenho dos estudantes nas aulas de sociologia. Para tal análise serão apresentados os dados parciais de um questionário aplicado nas alunas e alunos das turmas do 2º ano do ensino médio de uma escola da zona leste da cidade de São Paulo. Algumas das questões serão articuladas com as notas dos estudantes na disciplina de sociologia durante o 3º bimestre de 2021. Além de tal análise, também serão apresentados alguns dados gerais do questionário, como a formação educacional dos pais/responsáveis, o índice de frequência dos estudantes e pais/responsáveis ao museu e o acesso à objetos como notebook, computador, tablet, televisão e celular. Por fim, será feita uma reflexão sobre o quanto as mudanças educacionais causadas pela pandemia terão suas consequências no cenário pós-pandemia e como a desigualdade digital se articula com esse cenário.

Palavras-chave: Educação, Capital Cultural, Capital Econômico.

1. Introdução

A questão da estratificação social na escola se faz algo necessário e relevante de se pensar. A crença da escola pública libertadora, como responsável pelo combate às desigualdades sociais e construtora de uma sociedade igualitária, precisa ser vista com cuidado em face aos processos desiguais que a sociedade produz, afetando os estudantes e seu desempenho escolar.

O peso da discussão sobre a estratificação social na escola se faz maior ainda quando acontece no Brasil em meio a pandemia de COVID-19. Se antes da pandemia já era possível observar sinais de desigualdades educacionais, tais sinais se fizeram mais intensos com o advento do surto do novo coronavírus e a necessidade da quarentena escolar.

¹ Professor de Sociologia na rede estadual de ensino de São Paulo e pós-graduando em Sociologia na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP). E-mail: lucaspardini8@gmail.com

O sociólogo Pierre Bourdieu teve um importante papel no processo de compreensão da estratificação na escola através de seu texto “A escola conservadora”. Nele o sociólogo mostrou que um dos principais elementos para a produção dessa desigualdade educacional é o que ele denomina de capital cultural e que este capital cultural seria transmitido prioritariamente através da família.

Bourdieu mostra que devemos ter cuidado na crença da escola pública como uma instituição libertadora, compreendendo que ela pode agir diretamente no reforço e legitimação das desigualdades sociais. Como afirma Bourdieu (2015, p. 53) “[...] tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura”.

Se faz necessário observar que Bourdieu é um sociólogo francês e estava analisando o sistema educacional francês da década de 1960, sendo que entre a pesquisa e publicação de “A escola conservadora” e a atualidade, muitas coisas mudaram, tanto na França como no Brasil.

Em vista dessas questões, neste artigo me proponho apresentar os resultados parciais de uma pesquisa que visa compreender como o capital cultural e o capital econômico afetaram o desempenho dos estudantes do 2º ano do ensino médio nas aulas de sociologia durante o 3º bimestre de 2021 em uma escola estadual da zona leste da cidade de São Paulo. A partir da análise dos dados parciais buscarei entender o quanto as ideias de Bourdieu ainda compreendem as demandas da desigualdade educacional na atualidade e até que ponto precisam ser renovadas para uma melhor compreensão da educação no séc. XXI.

2. Capital cultural e capital econômico

Para a melhor compreensão da pesquisa que será apresentada se faz necessário a clareza dos conceitos que serão abordados, portanto nesta parte do artigo serão apresentados o que são o capital cultural e o capital econômico.

O capital cultural, como nos apresenta Bourdieu (2015), pode ser analisado em três estados. O primeiro deles seria o estado incorporado, esse estado se dá porque:

A maior parte das propriedades do capital cultural pode inferir-se do fato de que, em seu estado fundamental, está ligado ao corpo e pressupõe sua incorporação. A acumulação de capital cultural exige uma incorporação que, enquanto pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação, custa tempo que deve ser investido pessoalmente pelo investidor [...]. O capital

cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da “pessoa”, um habitus. (BOURDIEU, 2015, p. 74 e 75).

O capital cultural em seu estado incorporado é algo que não pode ser comprado. Apesar de se poder valer de coisas materiais, esse capital cultural só existirá se a pessoa incorporar, assimilar, tais coisas. Para obtê-lo é necessário dedicar seu tempo pessoal em conquistá-lo. Seria como ler um livro, e ao ler este livro compreender o que está escrito nele, fazendo com que este conhecimento integre a sua vida.

O segundo estado do capital cultural que o autor nos apresenta é o estado objetivado que pode se dar da seguinte forma:

O capital cultural no seu estado objetivado detém um certo número de propriedades que definem apenas em sua relação com o capital cultural em sua forma incorporada. O capital cultural objetivado em suportes materiais, tais como escritos, pinturas, monumentos etc., é transmissível em sua materialidade. [...] Mas o que é transmissível é a propriedade jurídica e não (ou não necessariamente) o que constitui a condição da apropriação específica, isto é, a posse dos instrumentos que permitem desfrutar de um quadro ou utilizar uma máquina e que, limitando-se a ser capital incorporado, são submetidos às mesmas leis de transmissão. (BOURDIEU, 2015, p.77).

O capital cultural objetivado, diferentemente do incorporado, se dá através de coisas materiais, porém a posse de coisas que geram um capital cultural objetivado, não necessariamente produzirá um capital cultural incorporado. Afinal uma pessoa pode herdar um quadro valioso, mas não entender o motivo dele ser valioso, assim como pode ter muitos livros importantes sem nunca os ter lido ou ao ler não entendê-los.

O terceiro estado do capital cultural que Bourdieu nos apresenta é o estado institucionalizado, que pode ser entendido da seguinte forma:

A objetivação do capital cultural sob a forma do diploma é um dos modos de neutralizar certas propriedades devidas ao fato de que, estando incorporado, ele tem os mesmos limites biológicos de seu suporte. Com o diploma, essa certidão de competência cultural que confere ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura, a alquimia social produz uma forma de capital cultural que tem uma autonomia relativa em relação ao seu portador e, até mesmo em relação ao capital cultural que ele possui, efetivamente, em um dado momento histórico. (BOURDIEU, 2015, p.78)

O capital cultural institucionalizado se dá através dos diplomas que uma pessoa possui, esse capital cultural que é atribuído por conta do diploma se caracteriza como algo independente do capital cultural que essa pessoa possui em determinado momento, afinal é atribuído aos advogados um certo capital cultural,

assim como é atribuído um outro capital cultural aos professores e assim por diante. Sendo que essas pessoas podem corresponder ou não a este capital cultural que lhes é atribuído.

Outra forma de capital que também será abordado na pesquisa é o capital econômico que pode ser entendido como:

O capital econômico, na forma de diferentes fatores de produção (terras, fábricas, trabalho) e do conjunto de bens econômicos (dinheiro, patrimônio, bens materiais), é acumulado, reproduzido e ampliado por meio de estratégias específicas de investimento econômico e de outras relacionadas a investimentos culturais e à obtenção ou manutenção de relações sociais que podem possibilitar o estabelecimento de vínculos economicamente úteis a curto e longo prazo. (BONAMINO, et al. 2010, p. 488).

O capital econômico pode ser pensado em relação ao nível financeiro, ou seja, a quantidade de dinheiro que uma pessoa possui, assim como pode ser pensado em relação às coisas e objetos que essa pessoa possui, tais coisas podem variar desde a posse de um pedaço de terra até a posse de um celular.

Neste artigo o capital cultural será analisado com o principal foco no seu estado incorporado, compreendendo o quanto as experiências culturais dos estudantes se materializam em seu corpo e em seu desempenho nas aulas de sociologia, passando também por uma reflexão levando em conta os espaços de acesso à cultura que os alunos e alunas frequentam. Por sua vez, o capital econômico será pensado em meio a como às tecnologias da informação e comunicação (TICs), tais como celular, computador, notebook e tablet, também influenciaram o desempenho das alunas e alunos nas aulas de sociologia.

3. Contexto da pesquisa

A escola em que a pesquisa aconteceu fica localizada na região do Parque São Lucas, na zona leste da cidade de São Paulo. Por estar nessa região ela se encontra dentro do centro expandido da cidade.

A região da escola, assim como as demais regiões próximas à avenida Anhaia Mello, vem passando por uma transformação socioeconômica nos últimos anos. Isso se dá por causa da construção da linha 15 do metrô, o "monotrilho". Com a chegada desta linha do metrô muitos empreendimentos imobiliários começaram a surgir próximo às estações, o que fez os valores de moradia dessas regiões se elevarem e começarem a marcar mudanças no perfil dos seus moradores.

As mudanças no perfil de moradores do bairro da escola começam a aparecer aos poucos, sendo que os estudantes de lá variam entre as classes C, D e E. Nela as alunas e alunos variam entre uma condição financeira estável, onde conseguem fazer passeios, viagens e possuem maior acesso às TICs e alunos e alunas que vão à escola para se alimentar, necessitando de auxílio para ter coisas básicas em casa.

A pesquisa também aconteceu em meio a pandemia de COVID-19, o que fez com que essas diferenças socioeconômicas ficassem ainda mais marcadas devido ao alto desemprego causado pela pandemia, crise econômica geral, recorrência a empregos precarizados relacionados ou não à aplicativos, entre outras situações.

Durante o bimestre cuja as notas dos estudantes foram analisadas na pesquisa, a escola funcionou em um formato de rodízio de 50% dos alunos e alunas, dividindo-os em turma A e turma B. Portanto na semana A iam metade dos estudantes e na semana B iam a outra metade, porém neste período o retorno presencial não era algo obrigatório, sendo que muitas alunas e alunos seguiram estudando no formato remoto durante este bimestre.

A forma de avaliação no bimestre foi uma atividade feita através do Google Formulários e passada para os estudantes através do Google Classroom². A atividade foi feita com base no conteúdo trabalhado durante o bimestre que teve por tema central a questão do trabalho. Em relação a este conteúdo foram passadas cinco questões dissertativas.³

4. Metodologia da pesquisa

Para a realização da pesquisa que será analisada, foi aplicado um questionário nas turmas do 2º ano do ensino médio⁴ da escola na qual estive atuando, ao longo de 2021, como professor de Sociologia das turmas do 2º ano e 3º ano do ensino médio⁵.

² Plataforma educacional que permite a postagem de atividades e comunicação entre professores e estudantes.

³ O formulário original foi fechado com o término do bimestre, porém criei um cópia para consulta, que pode ser acessada através do link: <https://forms.gle/xwaBjgqbhJ2MWpvq8>. Acesso 16 jan. 2022.

⁴ Optei em aplicar o questionário somente nos estudantes do 2º ano do ensino médio porque eram um grupo de estudantes que estavam mais acostumados com atividades assim, pois eu vinha desenvolvendo com eles e elas atividades relacionadas à pesquisa desde que estavam no 1º ano do ensino médio em 2020. Também era uma série que possuía uma frequência de alunos e alunas maior que os estudantes do 3º ano e tenho a possibilidade de seguir desenvolvendo a pesquisa com eles e elas em 2022, caso eu continue como professor dessas turmas no 3º ano do ensino médio.

⁵ Os estudantes do 3º ano estavam focados em outras atividades como Enem e atividades relacionadas ao “bota fora” escolar, pois durante o período de aplicação da pesquisa estavam

O questionário foi montado levando em conta as discussões apresentadas por Bourdieu em “A escola conservadora”, desta forma, as perguntas variaram entre questões sobre a frequência e acesso aos espaços de produção cultural, até questões sobre a formação educacional dos pais/responsáveis e algumas perguntas sobre o acesso às TICs como celular, notebook, computador, tablet e televisão.⁶ Somando 41 questões no total.

O questionário foi respondido entre os dias 05/11/2021 e 12/11/2021⁷, sendo que foi disponibilizado um momento em minhas aulas com as turmas para que os estudantes o respondessem⁸. Dos 151 alunos e alunas matriculados, 103 responderam, representando 68,2% dos estudantes.

A partir das respostas foi feita uma relação com as notas dos alunos e alunas no 3º bimestre. Nessa relação somei a nota dos estudantes que marcaram determinada opção e dividi esse somatório pela mesma quantidade de alunos e alunas que marcaram aquela opção. Também separei as médias em dois formatos que correspondem à Média Geral (MG) e Média da Atividade Avaliativa (MAA).

Essa divisão se mostrou necessária porque muitos estudantes que responderam ao questionário não fizeram a atividade avaliativa proposta durante o 3º bimestre, assim ficando com notas 0 ou 1. Portanto, para ter uma noção mais clara de como o capital cultural e capital econômico afetaram o desempenho das alunas e alunos, se mostrou necessário criar uma média somente com os alunos e alunas que fizeram a atividade avaliativa.

Nas médias está indicado tanto a média real quanto a média final arredondada, isso também foi algo necessário para que possamos ver o desempenho real dos estudantes, a nota que de fato eles e elas tiraram, porém como o sistema de notas da rede estadual de São Paulo não permite números quebrados, sendo sempre necessário arredondar as notas, coloquei também a nota final com o arredondamento.

caminhando para as últimas semanas na escola. Por conta destes e dos motivos citados anteriormente, optei em não envolver os estudantes dessa série na pesquisa.

⁶ O formulário original foi fechado com o término da pesquisa, porém criei um cópia para consulta, que pode ser acessada através do link: <https://forms.gle/nQFHKAppg2nTbyXTt6>. Acesso 16 jan. 2022.

⁷ Neste período já estávamos no 4º bimestre e o retorno presencial dos estudantes era obrigatório.

⁸ Essa ação se mostrou fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, pois antes de eu solicitar aos estudantes que respondessem o formulário em sala de aula, poucos deles e delas o haviam respondido. Após a ação citada, o número de respostas cresceu de forma considerável. Isso me fez refletir que se eu não fosse professor dessas turmas, a pesquisa não teria conseguido um número mínimo de respostas para atingir o seu objetivo de análise.

5. Análise dos dados

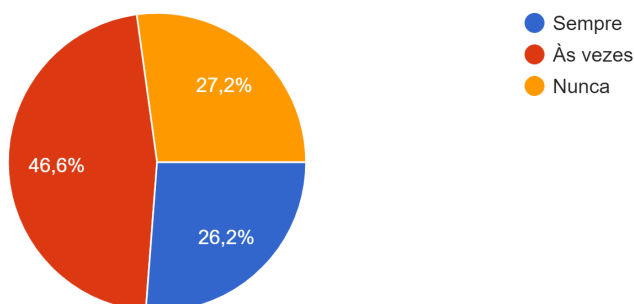
Para analisar os dados do formulário neste artigo, foram selecionadas algumas questões específicas dentro das quarenta e uma existentes. Essas escolhas se deram na busca de atingir mais prontamente o objetivo desta pesquisa que é compreender como o capital cultural e capital econômico influenciaram o desempenho das alunas e alunos nas aulas de sociologia.

Para tanto, será analisada uma questão sobre a frequência de leitura dos estudantes e uma questão sobre o acesso à computador, notebook, ou tablet, sendo que as duas questões serão relacionadas com as notas do 3º bimestre. Posteriormente serão observados dados gerais da pesquisa que dizem respeito ao nível de formação educacional dos pais/responsáveis, além de frequência aos espaços de cultura, como museu e acesso à televisão e celular.

5.1 Você costuma ler?

Gráfico 1 - Frequência de leitura dos estudantes

Você costuma ler?
103 respostas



Fonte: Formulário aplicado nos estudantes

Tabela 1 - Frequência de leitura dos estudantes, médias geral e médias da atividades avaliativa

Sempre: 26,2%	Às vezes: 46,6%	Nunca: 27,2%
MG: 5,9 ou 6,0	MG: 5,2 ou 5,0	MG: 4,4 ou 4,0
MAA: 7,3 ou 7,0	MAA: 7,5 ou 8,0	MAA: 6,6 ou 7,0

Fonte: Elaborado pelo autor

Nos dados acima podemos observar o gráfico 1 indicando em termos de porcentagem a frequência de leitura dos estudantes e na tabela 1 podemos observar além da frequência em porcentagem, a média geral e a média da atividade avaliativa. Estão destacadas em verde as maiores médias e em vermelho as menores médias.

Podemos observar que a opção de frequência mais selecionada foi a opção “Às vezes” sendo que 46,6% dos alunos e alunas a marcaram, a segunda opção mais selecionada foi “Nunca” sendo marcada por 27,2% dos estudantes e a opção com menor pontuação foi “Sempre” tendo sido marcada por 26,2% das alunas e alunos.

Os dados apontam que a maioria dos estudantes, quase a metade, lê com alguma frequência, mas não sempre, já os que leem sempre e os que não leem nunca possuem números bastante próximos, sendo de apenas 1% a diferença entre ambos.

Ao observarmos a média geral de cada opção, vemos que os estudantes que marcaram a opção “Nunca” ficaram com a menor média, correspondendo a média real 4,4 e média final 4,0. Já os alunos e alunas que marcaram a opção “Sempre” obtiveram a maior média, correspondendo a média real 5,9 e média final 6,0, sendo que na média final a diferença entre ambos foi de dois pontos. Já os estudantes que marcaram a opção “Às vezes” ficaram no meio das outras opções, ficando com média final um ponto acima da menor média e um ponto abaixo da maior média.

Quando observamos as médias da atividade avaliativa, vemos que novamente os estudantes que marcaram a opção “Nunca” ficaram com a menor média, correspondendo a média real 6,6 e média final 7,0. Porém as alunas e alunos que obtiveram a maior média foram os que marcaram a opção “Às vezes” correspondendo a média real 7,5 e média final 8,0, tendo uma diferença de um ponto entre ambos.

Os estudantes que marcaram a opção “Sempre” ficaram com a mesma média final (7,0) dos alunos e alunas que marcaram a opção “Nunca”. Porém ficaram na média real dois décimos abaixo dos estudantes que marcaram a opção “Às vezes”, mas pelo processo de arredondamento das notas ficaram um ponto atrás deste grupo na média final.

Os dados indicam que as alunas e alunos que marcaram a opção “Sempre” fizeram mais a atividade avaliativa, o que permitiu uma média maior na média geral,

já os estudantes que marcaram a opção “Às vezes” fizeram um pouco menos a atividade avaliativa e os que marcaram a opção “Nunca” foram os que menos entregaram a atividade.

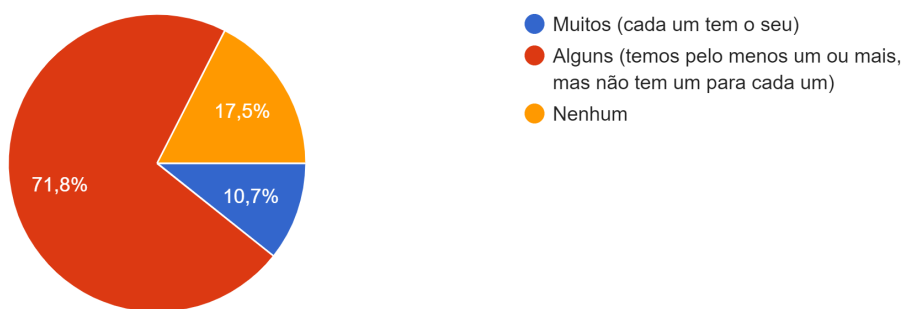
Porém, quando os estudantes fizeram a atividade avaliativa, os que marcaram a opção “Às vezes” obtiveram o melhor desempenho, já os que marcaram a opção “Sempre” tiveram um desempenho um pouco abaixo dos que marcaram “Às vezes” e os alunos e alunas que marcaram a opção “Nunca” obtiveram novamente o pior desempenho.

Relacionando os dados com a discussão sobre o capital cultural, pode-se observar que o capital cultural que se manifesta através da frequência de leitura foi um diferenciador em relação ao desempenho dos estudantes, porém o capital cultural em seu estado incorporado teve um peso maior, já que as alunas e alunos que marcaram a opção “Às vezes” obtiveram, na atividade avaliativa, um desempenho melhor do que os estudantes que marcaram a opção “Sempre”.

5.2 Em sua casa tem notebook, computador ou tablet?

Gráfico 2 - Acesso dos estudantes à notebook, computador ou tablet

Em sua casa tem notebook, computador ou tablet?
103 respostas



Fonte: Formulário aplicado nos estudantes

Tabela 2 - Acesso dos estudantes à notebook, computador ou tablet, médias geral e médias da atividades avaliativa

Muitos: 10,7%	Alguns: 71,8%	Nenhum: 17,5%
MG: 4,5 ou 5,0	MG: 5,5 ou 6,0	MG: 4,2 ou 4,0
MAA: 7,5 ou 8,0	MAA: 7,3 ou 7,0	MAA: 6,7 ou 7,0

Fonte: Elaborado pelo autor

Nos dados acima podemos observar o gráfico 2 indicando em termos de porcentagem o acesso dos estudantes ao notebook, computador ou tablet e na tabela 2 podemos observar além do acesso em porcentagem, a média geral e a média da atividade avaliativa de cada opção. Estão destacadas em verde as maiores médias e em vermelho as menores médias.

Podemos observar que o acesso mais selecionado foi a opção “Alguns”, correspondendo a 71,8% dos alunos e alunas, sendo que essa opção indica que esses estudantes possuem algum acesso em casa, mas não tem o seu próprio notebook, computador ou tablet. Já a segunda opção mais selecionada foi “Nenhum”, correspondendo a 17,5% das alunas e alunos, sendo que essa opção indica que estes estudantes não têm nenhum acesso em casa aos objetos indicados. A opção menos selecionada foi “Muitos”, correspondendo a 10,7% dos alunos e alunas, essa opção indica que esses estudantes possuem em casa o seu próprio notebook, computador ou tablet.

Os dados apontam que a maioria dos estudantes possuem algum acesso em casa ao notebook, computador ou tablet, porém uma parcela considerável (17,5%) não possui nenhum acesso e uma minoria (10,7%) possui seu próprio notebook, computador ou tablet. Aqui é possível ter uma ideia das diferentes realidades socioeconômicas das alunas e alunos da escola.

Ao observarmos a média geral das opções selecionadas vemos que a opção “Nenhum” obteve a menor média geral, com média real 4,2 e média final 4,0. Por sua vez, os alunos e alunas que marcaram a opção “Alguns” obtiveram a maior média geral, com média real 5,5 e média final 6,0, tendo dois pontos de diferença entre ambos. Já os estudantes que marcaram a opção “Muitos” ficaram na média geral com média real 4,5 o que corresponde à um ponto a menos que as alunas e alunos que marcaram a opção “Alguns” e apenas três décimos a mais que os estudantes que marcaram a opção “Nenhum”, mas com o processo de arredondamento de nota ficaram com média final 5,0 valor que está exatamente no meio entre as outras duas opções.

Porém quando analisamos as médias da atividade avaliativa observamos que novamente os estudantes que marcaram opção “Nenhum” ficaram com a menor média sendo a média real 6,7 e média final 7,0. Já os alunos e alunas que marcaram a opção “Muitos” ficaram com a maior média, sendo a média real 7,5 e a média final

8,0 tendo um ponto de diferença entre eles. Por sua vez, os estudantes que marcaram a opção “Alguns” ficaram com a média final igual a das alunas e alunos que marcaram a opção “Nenhum” (7,0), mas ao observarmos a média real vemos que estes ficaram apenas dois décimos abaixo da média real dos estudantes que marcaram a opção “Muitos”, porém com o processo de arredondamento das notas ficaram com a média final um ponto menor.

Os dados indicam que os alunos e alunas que marcaram a opção “Alguns” fizeram mais a atividade avaliativa, os que marcaram a opção “Nenhum” fizeram menos a atividade e os que marcaram a opção “Muitos” fizeram um pouco mais que os estudantes que marcaram a opção “Nenhum”⁹.

Porém quando as alunas e alunos fizeram a atividade, os que marcaram a opção “Muitos” foram os que se saíram melhor, as alunas e alunos que marcaram a opção “Nenhum” obtiveram o pior desempenho e os estudantes que marcaram a opção “Alguns” tiveram um desempenho um pouco abaixo dos alunos e alunas que marcaram a opção “Muitos”.

Desta forma podemos observar que o capital econômico foi um fator que influenciou no desempenho dos estudantes, pois tanto na média geral quanto na média da atividade avaliativa os alunos e alunas que não possuem nenhum acesso a notebook, computador ou tablet ficaram com as menores médias. Esses estudantes que não possuem acesso aos objetos indicados provavelmente fizeram a atividade pelo celular, que é um objeto mais difícil de ser usado para realizar a atividade, já as alunas e alunos que selecionaram a opção “Muitos” mesmo tendo feito pouco a atividade, quando fizeram obtiveram os melhores desempenhos, pois tiveram mais tempo com a TIC para fazer a atividade e fizeram com algum objeto de mais fácil manuseio para realizá-la.

Os dados também indicam um problema que se intensifica ao longo do séc. XXI e que se acelera com a pandemia de COVID-19 que é a desigualdade digital, que pode ser definida como:

[...]processos não igualitários de acesso, domínio (referido na literatura também como *digital literacy*) e utilização das tecnologias de informação e comunicação (TICs), tornando-se fundamental considerar marcadores sociais da diferença como classe social, gênero, raça e geração, bem como outros contextos e contingências. Outros nomes possíveis seriam “inclusão digital” ou “*digital divide*”. (PEREIRAS; MACEDO, 2021, online.)

⁹ Esse dado se mostrou algo inesperado, inicialmente pressupus que os estudantes com maior acesso aos objetos indicados fariam mais a atividade.

Segundo Pereira; Macedo (2021), a desigualdade digital espelha e replica as desigualdades sociais mais amplas. Como demonstram os dados, aqueles que possuem um menor acesso obtiveram os piores desempenhos.

Esses elementos também trazem à tona algo que Nogueira (2021) chama a atenção, que seria o fato de que na educação do séc. XXI o capital cultural perde uma certa quantidade de sua força, para o capital econômico começar a ter um maior protagonismo como causa das desigualdades educacionais.

6. Comentários gerais sobre a pesquisa

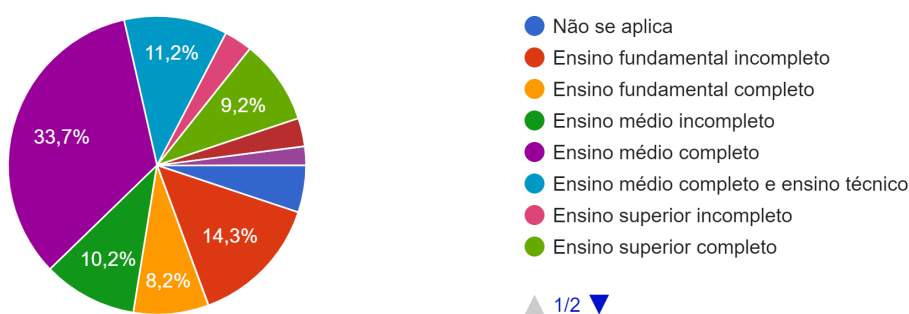
Além dos dados articulados com as notas, a pesquisa apresentou dados interessantes que valem ser comentados por si mesmos, tais dados se relacionam com a formação educacional dos pais/responsáveis, o acesso destes e dos estudantes aos espaços de cultura tais como o museu, assim como o acesso a televisão e ao celular.

6.1 Qual é a formação educacional de seu pai ou homem responsável por você?

Gráfico 3 - Formação educacional dos pais ou homens responsáveis

Qual é a formação educacional de seu pai ou homem responsável por você?

98 respostas



Fonte: Formulário aplicado nos estudantes

Tabela 3 - Formação educacional dos pais ou homens responsáveis

Não se aplica: 5,1%	E. F. incompleto: 14,3%	E. F. completo: 8,2%	E. M. incompleto: 10,2%
-------------------------------	-----------------------------------	--------------------------------	-----------------------------------

E. M. completo: 33,7%	Ensino Técnico: 11,2%	E. S. incompleto: 3,1%	E. S. completo: 9,2%
Pós-graduação: 3,1%	Mestrado: -	Doutorado: 2%	

Fonte: Elaborado pelo autor

Nos dados acima podemos ver o gráfico 3 e a tabela 3 indicando em termos de porcentagem os níveis de formação educacional dos pais ou homens responsáveis pelos estudantes, tendo também no gráfico 3 a opção “Não se aplica” que foi marcada caso o estudante não tivesse uma figura masculina de referência.

Nos dados apresentados pode-se observar que a opção que mais pontuou foi “Ensino Médio completo”¹⁰ correspondendo a 33,7% dos pais ou homens responsáveis. Porém a segunda opção que mais pontuou foi “Ensino Fundamental incompleto”¹¹ correspondendo a 14,3% da formação dos pais ou homens responsáveis dos estudantes.

A opção “Mestrado” não pontuou e a opção que teve menor pontuação foi “Doutorado”, correspondendo a 2% dos pais ou homens responsáveis dos alunos e alunas.

6.2 Qual é a formação educacional de sua mãe ou mulher responsável por você?

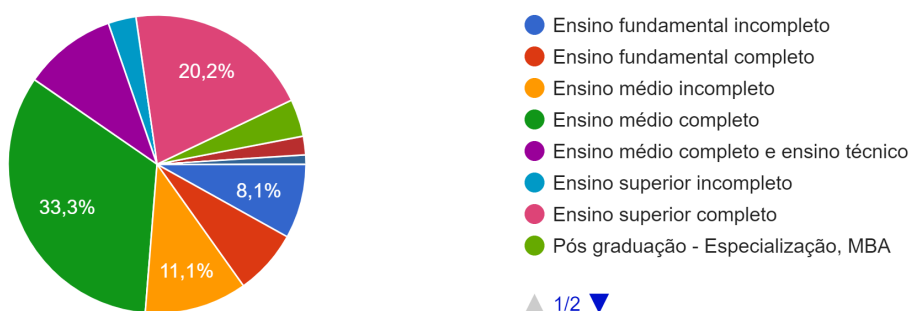
Gráfico 4 - Formação educacional das mães ou mulheres responsáveis

¹⁰ No formulário utilizei o termo “ensino médio” para facilitar o entendimento dos estudantes ao respondê-lo. Essa opção corresponde à conclusão do ensino básico ou 2º grau. Possivelmente quando os pais ou homens responsáveis cursaram este ciclo escolar, ele tinha outro nome.

¹¹ Neste caso também optei por usar um termo que facilitasse o entendimento dos estudantes, tal ciclo escolar corresponde ao 1º grau e possivelmente tinha outro nome quando os pais ou homens responsáveis dos estudantes o cursaram.

Qual é a formação educacional de sua mãe ou mulher responsável por você?

99 respostas



Fonte: Formulário aplicado nos estudantes

Tabela 4 - Formação educacional das mães ou mulheres responsáveis

E. F. incompleto: 8,1%	E. F. completo: 7,1%	E. M. incompleto: 11,1%	E. M. completo: 33,3%	Ensino técnico: 10,1%
E. S. incompleto: 3%	E. S. completo: 20,2%	Pós-graduação: 4%	Mestrado: 2%	Doutorado: 1%

Fonte: Elaborado pelo autor

Nos dados acima podemos ver o gráfico 4 e a tabela 4 indicando em termos de porcentagem os níveis da formação educacional das mães ou mulheres responsáveis pelos estudantes. Neste caso o gráfico 4 não tem a opção “Não se aplica” tal como teve entre os pais ou homens responsáveis.¹²

Nos dados apresentados podemos observar que a opção “Ensino Médio completo”¹³ teve a maior pontuação, correspondendo a 33,3% das mães ou mulheres responsáveis das alunas e alunos. Já a segunda opção que teve maior pontuação foi “Ensino Superior completo” correspondendo a 20,2%.

A opção que teve a menor pontuação foi “Doutorado” correspondendo a 1% das mães ou mulheres responsáveis, sendo que a segunda opção com a menor pontuação foi “Mestrado” correspondendo a 2%.

¹² Essa decisão foi tomada porque no Brasil é mais comum que pessoas não tenham uma referência paterna do que uma referência materna. Seguindo o padrão de pesquisas que fazem o mesmo, a opção “não se aplica” não foi colocada para as mães ou mulheres responsáveis.

¹³ Ver nota 10

Ao compararmos os gráficos 3 e 4, em um primeiro momento vemos que a opção que mais pontuou para ambos foi a mesma “Ensino Médio completo” possuindo números muito próximos nesta opção, 33,7% entre os homens e 33,3% entre as mulheres.

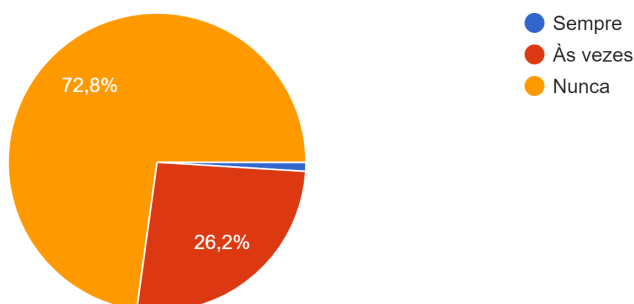
Porém quando observamos a segunda opção que mais pontuou para cada grupo, temos um cenário diferente. Sendo que entre os homens foi a opção “Ensino Fundamental incompleto” correspondendo a 14,3%, opção essa que entre as mulheres correspondeu a 8,1%; entre as mulheres a segunda opção com maior pontuação foi “Ensino Superior completo” correspondendo a 20,2%, opção essa que entre os homens correspondeu a 9,2%.

Os dados indicam que as mulheres possuem uma formação educacional maior que os homens, pontuando mais ou de forma próxima em relação aos homens nas opções mais elevadas de formação educacional.

6.3 Frequência ao museu

Gráfico 5 - Frequência dos estudantes ao museu

Você costuma ir ao museu?
103 respostas

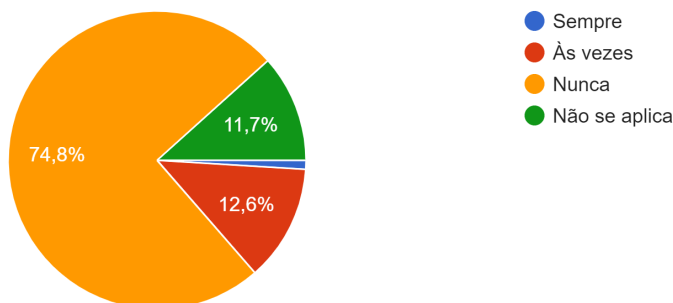


Fonte: Formulário aplicado nos estudantes

Gráfico 6 - Frequência dos pais ou homens responsáveis ao museu

Seu pai ou homem responsável por você costuma frequentar museus?

103 respostas

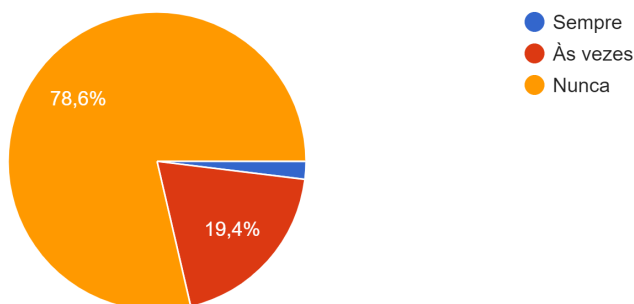


Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 7 - Frequência das mães ou mulheres responsáveis ao museu

Sua mãe ou mulher responsável por você costuma frequentar museus?

103 respostas



Fonte: Formulário aplicado nos estudantes

Nos gráficos 5, 6 e 7 acima podemos observar em termos de porcentagem a frequência dos estudantes e de seus responsáveis ao museu. Apesar do formulário ter sido respondido durante a pandemia, nele foi indicado que os alunos e alunas levassem em conta nas respostas suas vidas antes da pandemia, para que assim pudéssemos ter uma noção mais clara sobre a frequência ao museu.

No gráfico 5 é possível observar que 72,8% dos estudantes marcaram a opção que indica que nunca vão ao museu, 26,2% marcaram a opção que indica que vão às vezes e 1% marcou a opção que indica que vai sempre.

Entre os pais ou homens responsáveis, os dados indicam que 74,8% nunca vão ao museu, 19,4% vão às vezes e 1% vai sempre. O gráfico 6 também conta com

a opção “Não se aplica” que correspondeu a 11,7%. Já entre as mães ou mulheres responsáveis os dados apontam que 78,6% nunca vão ao museu, 19,4% vão às vezes e 1,9% vão sempre.

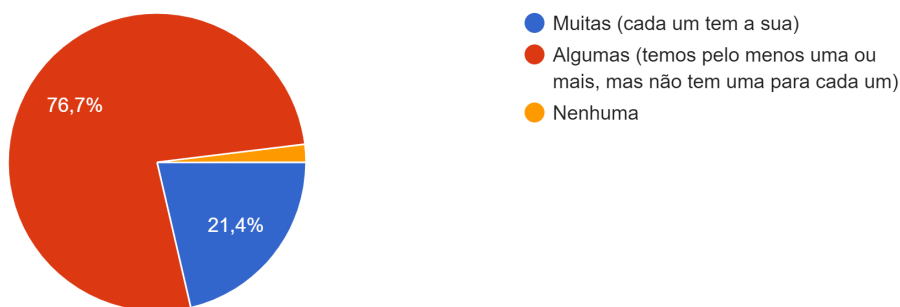
Com base nos dados podemos observar que uma quantidade considerável de estudantes e responsáveis não vão nunca ao museu. Sendo importante destacar que a escola está no centro expandido da cidade de São Paulo e muitos museus estão próximos a estações de metrô e possuem visita gratuita em algum dia da semana. Portanto os dados apontam como a visita ao museu ainda é uma atividade restrita e pouco comum.

Entre os três grupos, os estudantes são os que vão mais ao museu, seguido das mulheres. Esse e outros dados da pesquisa mostram como as mulheres além de ter uma formação educacional maior que os homens, elas também são mais ativas nas atividades culturais.¹⁴

6.4 Acesso às TICs

Gráfico 8 - Acesso dos estudantes à televisão

Em sua casa tem televisão?
103 respostas



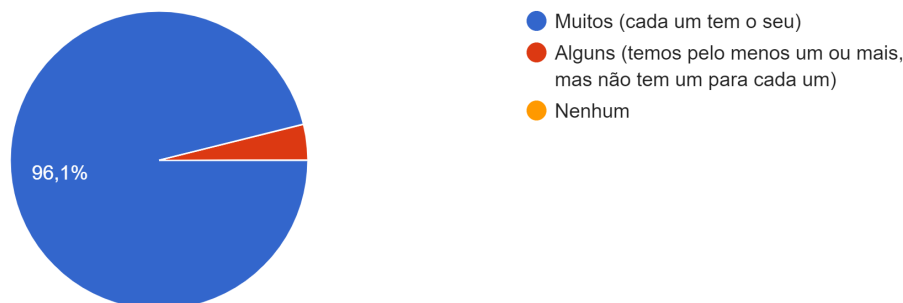
Fonte: Formulário aplicado nos estudantes

Gráfico 9 - Acesso dos estudantes ao celular

¹⁴ Nos dados gerais da pesquisa as mulheres também foram superiores em relação a outras atividades culturais, como ir ao teatro e ler.

Em sua casa tem celular?

103 respostas



Fonte: Formulário aplicado nos estudantes

Os gráficos 8 e 9 acima mostram em porcentagem o acesso dos estudantes a televisão e celular. Em relação ao acesso a televisão 76,7% dos alunos e alunas indicaram que possuem pelo menos alguma televisão em casa, porém não possuem uma televisão para cada familiar; 21,4% dos estudantes indicaram que em sua casa cada pessoa tem a sua própria televisão e 1,9% das alunas e alunos indicaram que não possuem televisão em casa.

Em relação ao acesso ao celular 96,1% dos estudantes indicaram que cada familiar tem o seu próprio celular e 3,9% dos alunos e alunas indicaram que não tem um celular para cada pessoa, o que possivelmente indica que essa pessoa reveza a utilização do celular com outro familiar. Nenhum estudante marcou que não possui celular.

Os dados apontam um elevado acesso à TICs como televisão e celular. Em relação ao gráfico 9, quase todos os estudantes indicaram que possuem seu próprio celular, porém esse dado pode ser um tanto inexato, pois a pesquisa foi feita através do Google Formulários, só sendo possível respondê-lo de forma digital, então as alunas e alunos que não possuem acesso ao celular, ou possuem pouco acesso possivelmente não conseguiram responder o formulário.

7. Considerações finais

Com os dados apresentados neste artigo pudemos observar que o capital cultural e o capital econômico interferiram em alguma medida no desempenho dos estudantes. Seja indicando quais são os alunos e alunas que mais fizeram a

atividade avaliativa ou quais foram aqueles que se saíram melhor ao realizá-la.

Inicialmente era esperado que as diferenças de notas fossem maiores de acordo com as opções selecionadas, sendo algo que não se confirmou, pois as diferenças de médias se mantiveram em cerca de dois pontos entre a menor e a maior.

Porém algo que também é necessário reconhecer é que ao fazer a atividade avaliativa muitos estudantes copiaram as respostas de sites da Internet e copiaram as respostas uns dos outros. Sendo necessário analisar outras avaliações para se ter dados mais claros.

Em relação ao capital cultural foi possível observar que os estudantes que tiveram menor índice de leitura tiveram os piores desempenhos, já as alunas e alunos que possuíam alguma frequência de leitura tiveram um desempenho melhor e muito próximo do melhor.

A respeito dos pais/responsáveis, o artigo também demonstrou que as mulheres possuem uma formação educacional mais aprofundada em relação aos homens, tendo a opção “Ensino superior completo” como a segunda que mais pontuou. Os dados também apontaram que as mulheres praticam mais atividades culturais do que os homens, frequentando mais o museu.

Em relação à frequência ao museu, os dados mostram como essa é uma atividade incomum para a maioria das pessoas, tendo mais de 70% dos três grupos analisados indicando que nunca vão ao museu. Sendo novamente importante ressaltar que a escola fica no centro expandido da cidade e muitos estudantes moram na região dela.

Em relação ao capital econômico, foi mostrado como os alunos e alunas com menor acesso às TICs obtiveram as menores médias e como os com maior acesso obtiveram a maior média na atividade avaliativa.

Os dados apontam que uma boa parcela dos estudantes, cerca de 82,5%, possuem acesso à notebook, computador ou tablet, sendo que destes 10,7% possuem seu próprio objeto entre os citados. Porém 17,5% não possui nenhum acesso.

Nos dados sobre o celular, a maioria das alunas e alunos indicaram ter o seu próprio aparelho, cerca de 96%. Não sendo marcada a opção de que não possuem nenhum acesso, porém como foi dito anteriormente, o formulário foi passado de forma totalmente online, sendo mais difícil que estudantes sem acesso ao celular o

respondessem.

As informações apresentadas chamam a atenção para um fenômeno que vem se intensificando com a pandemia que é a desigualdade digital. Apesar do amplo acesso digital dos estudantes, uma parcela considerável não possui o acesso às TICs adequadas para estudo como notebook, computador e tablet, além de uma outra parcela não possuir celular e não aparecer nos dados da pesquisa.

Com o início da pandemia de COVID-19 aconteceu uma intensificação na digitalização educacional na rede estadual de São Paulo. Em meio a pandemia foi criado um aplicativo¹⁵ próprio da rede para a utilização das escolas e começou-se a utilizar plataformas educacionais, tais como o Google Classroom, para a postagem de atividades e materiais de estudo.

Mesmo com o retorno presencial para a escola, é muito provável que os professores e professoras continuem utilizando essas plataformas como forma complementar e de apoio às aulas presenciais¹⁶, portanto os estudantes com dificuldade de acesso possivelmente continuarão encontrando dificuldades mesmo com o retorno presencial.

Essa questão mostra um indício de como o capital econômico começa a ter um peso significativo quando se trata de pensar a desigualdade na educação, principalmente na escola pública. O capital cultural continua tendo um peso relevante, mas ele precisa estar articulado com as questões materiais de acesso digital indicadas.

Se faz necessário pressionar as autoridades para que promovam um maior acesso dos estudantes e equipar de forma adequada às escolas¹⁷. Também será importante seguir observando a relação entre desigualdade digital e desempenho escolar.

¹⁵ O aplicativo se chama Centro de Mídias de São Paulo (CMSP) ele pode ser acessado com os dados patrocinados e nele são transmitidas aulas online, além de ser possível acessar a plataforma Google Classroom.

¹⁶ Mesmo com o retorno presencial obrigatório em 2021 eu continuei usando o Google Classroom, tanto para passar uma atividade avaliativa, quanto para postar materiais que complementariam e seriam utilizados na aula presencial. Porém também aceitei a atividade de forma manuscrita, e fiz aulas que visavam atividades em grupo para que aqueles que não possuíssem acesso digital não ficassem excluídos.

¹⁷ Entre 2020 e 2021 foram feitas algumas ações para equipar as escolas, entre elas foi distribuída uma verba para reformas, as salas de aula foram equipadas com o “kit CMSP” composto por televisão, caixa de som, microfone e webcam, foram entregues notebooks para as escolas, aconteceu a distribuição de chips de Internet para docentes e estudantes. Porém mais ações ainda são necessárias para melhorar a qualidade do ensino. Entre elas, é necessário um plano de instalação de Internet nas escolas e disponibilizar equipamentos que permitam os estudantes estudarem em casa.

Social stratification at school: How cultural capital and economic capital affect students' performance in sociology classes

Abstract

The present article proposes to analyze how cultural capital and economic capital influence the performance of students in sociology classes. For this analysis, we will present partial data from a questionnaire applied to students of the 2nd year high school classes of a school in the East side of São Paulo. Some of the questions will be linked to the students' grades in sociology during the 3rd semester of 2021. Besides this analysis, some general data from the questionnaire will also be presented, such as the educational background of the parents/guardians, the attendance rate of students and parents/guardians to the museum, and the access to objects such as laptop, computer, tablet, television, and cell phone. Finally, a reflection will be made on how the educational changes caused by the pandemic will have their consequences in the post-pandemic scenario and how digital inequality articulates with this scenario.

Keywords: Education, Cultural Capital, Economic Capital.

Referências:

- BONAMINO, Alicia et al. Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 45, p. 487-499, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/GbzRVcsL7L6PVNx3mxtFdKQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 11 jan. 2022.
- BOURDIEU, Pierre. "A escola conservadora". In: NOGUEIRA, M.A. & CATANI, A. (orgs.) *Escritos de Educação*. Petrópolis, Ed. Vozes, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. "Os três estados do capital cultural". In: NOGUEIRA, M.A. & CATANI, A. (orgs.) *Escritos de Educação*. Petrópolis, Ed. Vozes, 2015.
- MACEDO, Renata Mourão. Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, v. 34, p. 262-280, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/SGqJ6b5C4m44vh8R5hPV78m/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 11 jan. 2022
- NOGUEIRA, Maria Alice. O capital cultural e a produção das desigualdades escolares contemporâneas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 51, 2021. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/7468>. Acesso em: 21 nov. 2021.
- PEREIRAS, C. MACEDO, R. M. "Desigualdades e educação: breves inquietações pendemicas". *Boletim cientistas sociais* n. 36. São Paulo, 2020. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2350-boletim-n-36-cientistas-sociais-e-o-coronavirus>. Acesso em 21 nov. 2021.